

ANJO NEGRO

CHIARA TRONCHETTI PROVERA

© 2026 CHIARA TRONCHETTI PROVERA | SOTTOVOCE
ANJO NEGRO

Publicado nos EUA e UE
Primeira impressão 2026 (1.^a edição)
Referência Interna SP2026.01 | 04.06.2026 | 17:50

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei.



*Ao meu pai, que me ensinou que
nem uma obra de arte é inocente.*

Prólogo

O Loppia já ficara para trás. Bellagio também. A ordem dos factos interessava, porque antes do Loppia a Mariangela só conhecia LXL; depois, já sabia que o código tinha um rosto, uma voz e consequências.

A primeira coisa que fiz foi mudar a legenda.

Não a obra. Isso teria sido grosseiro.

Não o seguro. Isso teria sido rastreável.

Não a caixa. Isso teria sido amador.

Apenas a legenda.

Numa fundação séria, quase ninguém olha para a obra durante tempo suficiente. Olham para o nome, para a data, para o empréstimo, para a proveniência e para o texto de parede. Acreditam no rectângulo branco ao lado do objecto com a mesma crença com que uma criança acredita na assinatura de um pai. É por isso que as legendas são perigosas. Têm a dimensão moral de uma confissão e a aparência de uma simples etiqueta.

Às seis e quarenta e dois, a sala principal da Fondazione Provera ainda cheirava a tinta fresca. Os técnicos tinham saído havia vinte minutos. O segurança do piso inferior fazia a ronda pela ordem errada porque era novo, obediente e ainda julgava que as câmaras estavam ali para ver. As câmaras não vêem. Guardam. É diferente.

Eu estava sozinha diante da instalação.

Cabos de fibra óptica, borracha vulcanizada, aço, cobre oxidado, três monitores desligados e uma placa de central telefónica retirada de uma estação desmantelada na periferia de Como. No catálogo, a obra chamava-se Memória Industrial n.º 7. No seguro, lote B/43. No transporte, equipamento técnico. No anexo suíço, garantia. Na pasta creme do meu pai, chamava-se outra coisa.

ANJO NEGRO.

O nome não aparecia em lado nenhum.

Foi assim que soube que era o verdadeiro.

A legenda original dizia:

Fabrizio Plessi, 1998.

Instalação vídeo: fibra óptica, borracha vulcanizada, aço, cobre oxidado, monitores e componentes .

Colecção particular.

Proveniência: Fondazione Provera, Milão.

A nova dizia quase o mesmo.

Quase é onde se escondem os cadáveres inteligentes.

Troquei apenas uma linha.

Proveniência: arquivo técnico desclassificado, Como.

Fiquei a olhar para a palavra desclassificado.

Não revelava nada. Parecia apenas ter passado por mãos suficientes para já não dever explicações. O meu pai gostava dessas palavras. Desclassificado. Regularizado. Transferido. Corrigido. Preservado.

Cinco maneiras de mudar uma coisa de sítio sem admitir que alguma vez estivera no lugar errado.

A guia de transporte estava dobrada dentro da manga esquerda do meu casaco. Tinha a minha assinatura. Não uma assinatura falsificada, não uma autorização arrancada à pressa, não um erro burocrático. A minha. Clara, precisa e suficientemente parecida comigo para não me deixar defesa nenhuma. O camião sairia às sete e quarenta pela porta lateral com uma caixa de madeira, duas cintas pretas e uma etiqueta suíça colada no canto errado.

O erro na etiqueta não era erro.

O meu pai ensinara-me isso aos quinze anos, numa feira em Basileia, enquanto um banqueiro alemão tentava comprar um desenho que não compreendia.

— “Quando vires um erro pequeno num documento caro, pergunta quem pagou por ele.”

Na altura, achei a frase brilhante.

Naquela manhã, achei-a hereditária.

O telefone vibrou em cima do plinto.

Não devia estar ali. Eu tinha-o deixado no bolso para não transformar uma hesitação em prova. Mesmo assim, ali estava: ecrã virado para cima, sem som, com uma mensagem sem nome.

Não mudes a legenda.

Li a frase uma vez. Depois outra.

A Mariangela escrevia assim quando tinha medo de ser exacta. Nada de querida Chiara, nada de explicações, nada de teatro moral. Uma ordem curta, quase feia. Antes do Loppia, ela teria escrito LXL. Depois do Loppia, já não precisava.

Peguei no telefone.

Não respondi.

Atrás de mim, uma das portas de serviço fechou-se devagar.

Não me virei logo. Esperei três segundos, o bastante para parecer que a sala era minha. Depois olhei para o reflexo no vidro negro de um dos monitores.

O Luca estava junto à parede, com a prancheta contra o peito e o cartão de acesso pendurado no pescoço. Parecia pior do que na véspera, mais pálido, mais direito, e menos certo do chão.

— “A *Signorina* não devia estar aqui,” disse ele.

A frase saiu-lhe demasiado baixa. Não era aviso. Era súplica.

— “Então devias ter fechado a porta.”

— “Fechei.”

— “Mal.”

Ele olhou para a legenda nova. Não percebeu tudo. Percebeu o suficiente. A inteligência do Luca era pequena, mas tinha uma boa qualidade, reconhecia perigo antes de reconhecer significado.

— “O doutor Provera pediu que ninguém tocasse nas fichas.”

— “O meu pai pede muitas coisas.”

— “Desta vez insistiu.”

— “O meu pai insiste sempre mesmo quando não interessa.”

Ele engoliu em seco. A prancheta tremeu-lhe contra o peito. Quase tive pena dele. Quase. Depois lembrei-me de que fora ele a abrir a sala na primeira manhã, com a gravata mal apertada e a mentira já pronta na boca. A culpa menor continua a ser culpa. Só recebe menos luz.

— “Vai à recepção,” disse eu.

— “Não posso.”

— “Claro que podes.”

— “Não posso sair do piso.”

Então era pior.

Aproximei-me. O Luca recuou meio passo e esse meio passo disse-me quem já estava dentro da fundação. Homens como ele não têm coragem própria; têm medo emprestado.

— “Quem subiu?”

— “Ninguém.”

— “Luca.”

O nome dele bastou. Há pessoas que se partem quando ouvem o próprio nome dito sem ternura.

— “Um homem da seguradora.”

— “Credencial?”

— “Sim.”

— “Válida?”

Ele não respondeu.

Sorri pouco. Quase nada. Na família Provera, um sorriso pleno era falta de disciplina. Infelizmente, algumas heranças ficam bem na cara.

— “A credencial foi anulada às sete e cinquenta e dois,” disse eu.

— “Ainda são seis e quarenta e oito.”

— “Exactamente.”

Foi então que percebeu que o tempo também pode ser falsificado. Não as horas. A sequência. Um homem entra antes de ter autorização; o registo diz que entrou depois de já não poder entrar; a câmara confirma uma versão intermédia; o relatório chama-lhe falha de sincronização. Com três relógios e uma secretária obediente, uma fundação respeitável consegue fabricar destino.

A mensagem da Mariangela continuava aberta no ecrã.

Não mudes a legenda.

Desta vez respondi.

Tarde.

Enviei.

A resposta veio quase de imediato.

Então já escolheste por ele.

Não escreveu o nome. Não precisava. Para a Mariangela, ele já deixara de ser o homem da fotografia; para mim, já deixara de ser LXL. Era pior. Era Leilac.

Guardei o telefone.

O Luca olhava para mim como se esperasse uma instrução que o salvasse de ter participado.

— “O que está naquela caixa?” perguntou.

A pergunta era estúpida.

— “Uma obra.”

— “Fora do catálogo?”

— “Sim. Fora.”

— “Deve ser importante.”

Olhei outra vez para a instalação. Os cabos pendiam do aço como nervos retirados com cuidado. A obra não era bonita. Isso favorecia-a. A beleza distrai. O feio, quando é caro, obriga as pessoas a inventar profundidade.

— “É.”

No andar inferior, ouviu-se o elevador de serviço.

O Luca ficou imóvel.

Eu não.

Fui até à mesa de conservação, abri a pasta creme e retirei a folha que o meu pai julgava escondida noutro lado. Não estava completa. Nunca estava. O meu pai não deixava documentos completos ao alcance de alguém, nem da filha. Sobretudo da filha. Mas aquela metade bastava.

Matriz operacional: ANJO NEGRO.

Alvo: LXL.

Vector de aproximação: CTP.

Fiquei parada na última linha.

CTP.

Não era a obra.

Era eu.

O meu pai não me tinha usado como isco. Isso teria sido quase vulgar. Tinha-me tratado como uma peça de colecção.

Uma filha, devidamente catalogada, serve para muita coisa.

Dobrei a folha devagar.

O elevador parou no piso.

As portas abriram-se.

O Luca fechou os olhos. Pobre idiota. Ainda acreditava que não ver diminuía a participação.

Dois homens entraram na sala. Não eram seguranças da fundação, embora usassem fatos que tentavam parecer isso. O primeiro tinha a mão direita demasiado livre. O segundo olhou primeiro para as câmaras, depois para a obra e depois para mim. Boa ordem. Má educação.

— “*Signorina* Provera,” disse o primeiro.

Não perguntou. Confirmou.

— “A sala está fechada.”

— “Sabemos.”

— “Então estão perdidos.”

Ele olhou para a legenda nova. Leu depressa. Demasiado depressa. Já conhecia a antiga.

— “O doutor Provera pediu que esta ficha fosse retirada.”

— “O doutor Provera devia ter vindo pessoalmente.”

— “Está a caminho.”

— “O meu pai está sempre a caminho quando manda outros chegarem primeiro.”

O segundo homem aproximou-se da parede. Levava luvas. Isso irritou-me. Há uma obscenidade particular em ver homens violentos preocupados com impressões digitais.

— “Não toque na legenda,” disse eu.

Ele hesitou.

Não porque eu o assustasse. A ordem que trazia talvez não incluísse a hipótese de eu ainda estar ali. Os homens treinados gostam pouco de improvisar diante de mulheres que não parecem surpreendidas.

O primeiro tentou outra via.

— “Isto é uma mera correcção.”

— “Não. Era.”

— “Como disse?”

— “Antes de vocês chegarem, era uma correção. Agora é uma tentativa de remoção perante testemunhas.”

Olhei para o Luca.

Ele abriu os olhos no pior momento.

— “O senhor Bellini está presente desde as seis e quarenta e três,” continuei. “A câmara três voltou a gravar às seis e quarenta e seis. O ficheiro da legenda foi substituído às seis e quarenta e sete. A vossa entrada fica registada às seis e cinquenta e um. Se arrancarem a ficha agora, não estão a corrigir nada. Estão a confirmar.”

O homem das luvas deixou a mão suspensa a poucos centímetros da parede.

A confirmação também serve.

A frase do meu pai voltou-me à cabeça como uma dívida mal paga.

Foi nesse instante que compreendi.

A legenda não era para denunciar a rede. Não ainda. Era para a obrigar a tocar onde não devia. O meu pai deixara-me a folha, a caixa, o horário e a legenda possível porque queria saber se eu ainda estava do lado dele. Se corrigisse a ficha a favor dele, continuava filha. Se a deixasse intacta, continuava cúmplice. Se a mudasse, tornava-me prova.

As famílias ricas não fazem testes de amor. Fazem auditorias.

O telefone vibrou outra vez.

Desta vez era um número português.

Não estava guardado.

Abri.

Chiara, quem assinou a saída?

Quatro palavras.

Nenhuma acusação.

Pior.

O Leilac tinha finalmente encontrado a pergunta certa. Tarde, claro. Os homens como ele chegam muitas vezes tarde à pergunta certa, mas chegam com uma exactidão desagradável.

Respondi com uma fotografia.

Não da folha.

Não da matriz.

Não da legenda.

Fotografei a minha própria assinatura na guia de transporte.

Enviei.

Durante alguns segundos, nada aconteceu.

Depois chegou a resposta.

Então estás dentro.

Fiquei a olhar para a frase.

Havia crueldade nela, mas não era injusta. A injustiça teria sido mais fácil. Podia odiá-lo por me ferir mal. Feriu bem.

O primeiro homem recebeu uma chamada. Atendeu sem dizer o nome. Escutou. Olhou para mim. Depois para a legenda. Depois outra vez para mim.

— “O doutor Provera quer falar consigo.”

— “O meu pai tem o meu número.”

— “Agora.”

— “Então que suba.”

Ele tapou o microfone com a mão.

— “Não convém.”

Ri-me uma vez.

Pouco.

A conveniência é a forma cobarde da verdade.

Do corredor vieram passos. Não os do meu pai. Eu conhecia os passos dele desde criança: firmes, económicos e sem urgência visível, como se o chão tivesse sido informado com antecedência. Aqueles eram mais leves.

A Mariangela apareceu à entrada da sala.

Tinha o cabelo preso à pressa, um casaco cinzento sobre roupa escura e uma pasta contra o peito. Não olhou para os homens. Olhou para mim. Isso foi o bastante.

— “Ainda podes retirar,” disse ela.

— “A legenda?”

— “A... desculpa.”

Os dois homens não gostaram dela. Era mútuo.

— “A senhora não pode estar aqui,” disse o primeiro.

A Mariangela tirou um cartão do bolso e mostrou-o sem se aproximar.

— “Posso estar em demasiados sítios. É um defeito profissional.”

Depois entrou.

Pousou a pasta na mesa de conservação. Abriu-a. Lá dentro havia três fotografias, uma cópia da folha arrancada do catálogo, uma factura de transporte, a autorização de Chiasso e um relatório técnico com uma assinatura que reconheci.

A minha, outra vez.

Não a falsificada.

Verdadeira.

Senti o estômago fechar-se.

A Mariangela viu-me a perceber e não me protegeu. Foi essa a gentileza dela.

— “A primeira matriz não foi do teu pai,” disse.

A sala perdeu o ruído.

Ou fui eu.

Olhei para a pasta. Depois para ela.

— “Não.”

— “Sim.”

— “Eu fiz uma classificação de risco para circulação de obras sensíveis.”

— “Fizeste um modelo de aproximação por perfil afectivo.”

— “Não era para pessoas.”

— “Claro que era.”

Aquilo devia ter-me enojado.

Enojou.

Mas não apenas.

Porque havia uma parte de mim, pequena, disciplinada, educada pelo meu pai em salas onde os homens fingiam falar de arte para falarem de corrupção, que reconheceu a beleza do mecanismo. A obra saía. O documento ficava. A proveniência mudava de mãos. A pessoa seguia o mesmo princípio. Uma biografia podia ser reordenada como um catálogo. Um desejo podia ser usado como seguro. Uma mentira podia circular desde que tivesse uma etiqueta.

Eu tinha compreendido tudo antes de saber contra quem seria usado.

Essa é a verdadeira culpa: a que chega antes do nome da vítima.

O telefone do homem voltou a emitir som.

Desta vez, ele não atendeu.

A porta principal da sala abriu-se.

O meu pai entrou.

Fato escuro, sobretudo no braço e luvas na mão esquerda. Não parecia zangado. A zanga era para homens que perdiam a forma. O Provera apenas parecia ligeiramente atrasado para uma reunião que os outros tinham tornado vulgar.

Olhou primeiro para a instalação.

Depois para a legenda.

Depois para mim.

Não olhou para a Mariangela. Isso foi o erro dele. Há mulheres que se tornam perigosas precisamente no momento em que um homem decide não lhes conceder lugar na cena.

— “Chiara,” disse ele.

— “Pai.”

A palavra saiu limpa. Quase filial. Quase imperdoável.

Ele aproximou-se da legenda. Leu a linha nova sem mover a boca.

— “Isto é impreciso.”

— “Não. É incompleto.”

— “Então ainda podes corrigir.”

— “Já corrigi.”

— “Contra mim?”

— “Não.”

Olhei para a instalação. Para os cabos. Para a borracha. Para o aço. Para o objecto caro que escondia documentos, nomes, transportes, hotéis, mulheres, homens e uma versão de mim que eu já não conseguia separar dele.

— “Contra a proveniência.”

O meu pai sorriu pouco.

Quase nada.

Era assim que sorriamos, como já perceberam.

— “A proveniência somos nós.”

Era a frase perfeita. Tão perfeita que me apeteceu destruí-la.

Peguei na ficha antiga, a que ele mandara retirar, e coloquei-a ao lado da nova. Duas legendas para a mesma obra. Dois passados. Duas mentiras com graus diferentes de utilidade.

— “Então o público merece ver as duas.”

O silêncio que veio depois não foi teatral. Foi técnico. Cada pessoa na sala calculou uma consequência diferente. O Luca pensou no emprego. Os homens pensaram na ordem. A Mariangela pensou no dano. O meu pai pensou na forma de converter a perda em controlo.

Eu pensei no Leilac.

Não na boca dele. Não no quarto do Tremezzo. Não na forma como vira primeiro os espelhos e só depois a mim. Pensei apenas na mensagem.

Então estás dentro.

Sim.

Estou dentro. Entrei.

Entre na sala do meu pai. Entre na operação. Entre no corpo do homem que devia observar. Entre na mentira com a arrogância de quem julga conseguir sair antes da factura. Entre porque sabia ler catálogos, apólices, olhares e fraquezas. Entre porque o meu pai me ensinou que nenhuma obra de arte é inocente e eu, obediente como uma filha exemplar, apliquei a lição às pessoas.

O erro foi pensar que uma pessoa usada como obra não sangra.

Às sete e quarenta, o camião saiu pela porta lateral.

Levava a caixa de madeira, as duas cintas pretas e a etiqueta suíça colada no canto errado. Levava também a versão que o meu pai preferia. A fundação ficava com a outra. Nenhuma era totalmente certa. Nenhuma era limpa.

Às oito e dezassete, um homem ligado ao Nemesis entrou pela recepção com uma credencial de seguradora que ainda não tinha sido anulada no sistema. Vinte e cinco minutos mais tarde, a mesma credencial deixaria de existir. Ele falou com a recepcionista, deixou um cartão e pediu para ver a instalação.

Eu deixei.

Não por imprudência.

Por controlo.

O homem leu as duas legendas. Primeiro a antiga. Depois a nova. Depois a antiga outra vez. Fez exactamente o que eu precisava, tentou perceber qual era a verdadeira.

Não percebeu que a verdade estava no intervalo.

Quando saiu, a fundação já tinha recebido seis pedidos de consulta técnica. Um de Zurique. Um de Londres. Um de Lisboa. Dois sem origem percebida. Um de uma conta que a Mariangela reconheceu e não disse nada.

O meu pai fechou a pasta creme.

— “Acabaste de abrir uma guerra.”

— “Não.”

Peguei na guia de transporte assinada por mim e coloquei-a sobre a mesa, ao lado das duas legendas.

— “Acabei de pendurar uma guerra na parede.”

Ele olhou para a minha assinatura.

Pela primeira vez nessa manhã, vi nele uma coisa parecida com orgulho.

Foi a parte que mais me feriu.

À tarde fui ao Tremezzo sozinha.

Não levei motorista. Não avisei o hotel. A recepção reconheceu-me e fingiu que não, como fazem os hotéis bons quando uma mulher rica parece ter vindo procurar uma culpa privada. Subi pelo elevador de serviço. A suite estava vazia. A cama feita. Os cortinados abertos. No aparador, uma marca circular no verniz mostrava onde o copo do Leilac ficara tempo a mais.

Usei a chave morta só para tocar na porta.

Abriu.

Claro que abriu.

ANJO NEGRO

Os hotéis bons também sabem fazer o que é preciso e quando é preciso, mesmo que ilegal, mesmo que imoral.

Sentei-me à secretária. Pus a chave à direita. A cópia da guia de transporte à esquerda. No centro, deixei uma fotografia da instalação com as duas legendas visíveis. O lago estava quieto demais, como se também ele tivesse sido instruído a não testemunhar.

O telemóvel do Leilac ficou no ecrã durante alguns segundos.

Escrevi:

Vive.

Apaguei.

Escrevi:

Desculpa.

Apaguei também.

Essa era pior. A desculpa tenta transformar dano em inevitável. Eu não tinha esse direito.

A mensagem da Mariangela entrou pouco depois.

Não lhe peças perdão.

Não respondi.

Abri o Moleskine.

A primeira página estava limpa. Limpa demais. Uma página branca tem sempre aquela arrogância pequena das coisas que ainda fingem não ter sangue.

Não escrevi o nome do meu pai.

Não escrevi o nome do Leilac.

Não escrevi o da Mariangela.

Escrevi:

ANJO NEGRO

Fiquei a olhar para as duas palavras.

Durante meses, julguei que eram o nome de uma operação.

Depois pensei que fossem o nome que o meu pai me dava em segredo.

Nessa tarde, percebi que eram outra coisa.

Eram a legenda.

Não da obra.

Minha.

Risquei.

Na linha de baixo, escrevi outra vez.

Desta vez, não apaguei.

1

A FOLHA QUE FALTAVA

Milão, Itália — Fondazione Provera

O Luca passou o cartão no leitor antes de confirmar a sala.

A luz verde acendeu-se na porta lateral da Fondazione e ele afastou-se meio passo, o bastante para me deixar entrar sem parecer que me estava a deixar entrar. Trazia a gravata mal apertada e uma mancha de café no punho direito. Às oito e vinte, o Luca não bebia café na recepção. Alguém o tinha chamado cedo.

— “O doutor Provera está na sala?” perguntei.

— “Ainda não sei,” disse.

Mentiu antes de fechar a porta atrás de mim.

Passei pelo corredor de serviço, não pelo átrio. As paredes brancas tinham sido pintadas de novo durante a noite. A tinta prendia no fundo da garganta. Dois homens empurravam uma caixa comprida com luvas de algodão e etiqueta suíça. Nenhum deles olhou para a obra. Olharam para a etiqueta.

Na sala do meu pai, o catálogo estava aberto sobre a mesa.

Não toquei logo.

A exposição ainda não tinha inaugurado. Cabos recuperados de centrais telefónicas, borracha, fibra óptica, vídeo e metal oxidado. No texto de parede, chamavam-lhe memória fabril. Ao lado, uma factura de transporte dizia outra coisa. O catálogo tinha capa cinzenta, letras negras e papel caro. Estava aberto na secção das instalações com cablagem industrial.

Faltava uma folha.

A numeração saltava do trinta e seis para o trinta e nove. A lombada guardava o corte. A folha tinha saído com lâmina. Ficava uma linha fina junto à costura, quase sem fibra levantada.

Fechei a porta da sala com o ombro.

Na mesa havia também a pasta creme do arquivo, uma apólice da Generali, uma etiqueta de transporte dobrada ao meio e uma fotografia solta. A pasta devia conter a ficha técnica de uma instalação de Fabrizio Plessi. Em vez disso, tinha separadores sem título e uma folha de circulação interna com três rubricas. Duas conhecidas. A terceira, apenas iniciais.

Peguei primeiro na apólice. Valor segurado alto demais para a obra descrita. Período de cobertura curto. Beneficiário alterado à mão numa cópia, depois corrigido na versão impressa. Devolvi-a ao sítio exacto.

A etiqueta vinha de um armazém perto de Chiasso. O código não batia certo com a obra. Batia com outro inventário, o dos carros, guardado noutra piso e oficialmente separado da fundação.

Só depois toquei no catálogo.

Pelo índice, a folha em falta correspondia à proveniência de uma instalação sem valor visual e com valor documental. Fornecedor, armazém, data de desmontagem, seguradora. Quatro dados bastavam para mudar o rasto de uma obra sem mudar a caixa.

Olhei para o vidro da estante à minha esquerda. O reflexo devolveu-me os olhos verde-escuros antes da fotografia. Irritou-me reparar em mim naquele momento. A fotografia estava em cima da pasta, virada para baixo. Não devia estar ali se fosse para esconder.

Virei-a com a ponta de dois dedos.

O homem tinha sido fotografado de longe. Rua ou entrada de hotel. O enquadramento apanhava-lhe metade do corpo, casaco escuro, mão esquerda no bolso e cabeça ligeiramente virada para a lente. Viu tarde. Não a tempo de impedir a fotografia. A tempo de a estragar um pouco. A imagem queria fixar um padrão.

No verso havia uma palavra escrita a lápis.

Leilac.

A porta abriu-se.

O meu pai entrou sem bater. Fato escuro, sobretudo no braço e luvas dobradas numa mão. Não mostrou surpresa por me encontrar ali. Isso confirmava o Luca, o cartão e a mentira.

— “Chegaste cedo,” disse.

— “A porta estava aberta.”

Ele pousou as luvas sobre a cadeira e ficou diante da mesa. Não olhou para a fotografia. Olhou para o catálogo.

— “Viste?”

— “Falta uma folha.”

— “Qual?”

— “A que foi tirada.”

A boca dele mexeu-se pouco, sem chegar a sorriso. Quando voltou a fechá-la, eu já tinha recebido o aviso.

— “O Luca deixou-me entrar sem confirmar consigo,” disse eu.

— “O Luca faz o que lhe mandam.”

— “Por quem?”

O Provera tirou os óculos do bolso interior, abriu-os, leu a página à frente dele e voltou a fechá-los. Não precisava deles para aquela distância.

— “Hoje, por mim.”

Fiquei de pé. Ele sentou-se. A cadeira certa. A luz certa. A fotografia ainda no lugar errado.

— “Quem é?” perguntei.

— “Um homem que pode ser útil.”

— “Consultor?”

— “Nos contratos, sim.”

As mãos dele eram secas, compridas e sem anéis. Fecharam o catálogo devagar, mas não o retiraram da mesa.

— “Quer que eu faça alguma coisa?” perguntei.

— “Quero que repares.”

— “Já reparei.”

— “Então espera.”

— “Por ele?”

O Provera tocou na fotografia com o indicador. Não a empurrou para mim.

— “Por quem vier atrás dele.”

Um telefone vibrou no bolso dele. Viu o ecrã, não atendeu. Virou o aparelho para baixo.

— “Nemesis?” perguntei.

Ele levantou os olhos. Não gostava quando eu dizia certos nomes sem me pedirem.

— “Esse nome não entra nesta sala sem necessidade.”

— “A folha tinha telecomunicações.”

— “A folha tinha proveniência.”

A frase veio no mesmo tom com que mandava mudar uma apólice. Desde os quinze anos, punha-me ao lado dele em leilões e perguntava quem olhava para o quadro e quem olhava para o catálogo. Depois esperava. Se eu respondesse depressa, mandava-me olhar outra vez.

A fotografia do Leilac continuava entre nós.

— “Já o observam há muito?” perguntei.

— “O suficiente.”

— “Porquê eu?”

— “Vais descobrir no tempo certo.”

Não reagi. Ele não disse aquilo para me ferir. Disse-o como quem dá uma instrução. Confiava que eu saberia entrar numa sala, sorrir pouco, tocar quando fosse útil e recuar quando fosse mais útil ainda. Confiava que eu não confundiria proximidade com entrega.

Nessa manhã, isso pareceu-lhe ser suficiente.

Irritou-me a fotografia. O homem no papel tinha visto a lente tarde demais e o ombro dele já estava a virar antes de a lente acabar o trabalho.

— “A folha em falta está consigo?” perguntei.

— “Não.”

— “Então, com que está?”

Ele pegou na pasta creme, abriu-a, retirou a apólice e voltou a guardá-la noutro separador. Se alguém viesse procurar a ordem original, já não a encontraria.

— “Não perguntes.”

— “Eu sou curiosa.”

— “Eu sei.”

Pela primeira vez nessa manhã, olhou para mim, não para a mesa. A cara dele estava pálida. A mão, firme.

— “O Luca disse que não sabia quem esteve na sala,” acrescentei.

— “O Luca não sabe quase nada.”

— “Mas é quem abre as portas.”

— “Por isso ainda trabalha aqui.”

O telefone vibrou outra vez. Desta vez o Provera levantou-se.

— “Tenho uma reunião.”

— “E eu?”

— “Vais voltar ao teu dia.”

— “E essa fotografia? Esse homem?”

Ele não respondeu logo. A mão ficou sobre o catálogo fechado. Depois levou o catálogo consigo, encaixado debaixo do braço, juntamente com a pasta creme e a apólice. Deixou a fotografia sobre a mesa.

Ele sabia que a deixava.

A porta abriu-se para ele. Uma assistente esperava no corredor com um *tablet*. Atrás dela, dois homens de casaco escuro falavam junto ao elevador de serviço. Um deles olhou para mim e desviou os olhos antes de terminar o movimento.

— “Chiara,” chamou o meu pai, já no corredor.

— “Sim?”

— “Não guardes papel que não é teu.”

— “E fotografia?”

Ele olhou para a mesa, depois para mim.

— “A fotografia ainda não é de ninguém.”

Saiu.

ANJO NEGRO

Fiquei sozinha na sala com a imagem virada para cima. O vidro da estante devolveu-me outra vez os olhos, a boca fechada e a mão parada a poucos centímetros do papel. Não toquei.

Contei três segundos.

Antes de sair, aproximei-me da mesa. O Leilac estava meio virado, apanhado no intervalo entre o descuido e a reacção. Bons sapatos. Casaco escuro. O corpo já a sair da fotografia antes de a fotografia acabar.

Deixei-o onde estava.

Na recepção, a cadeira do Luca ainda devia estar ocupada. Às nove, tinha outra pessoa sentada nela, uma rapariga de cabelo preso que me chamou *Signorina* com excesso de cuidado. O Luca não voltou nesse dia.

2

O DOSSIER LEILAC

Milão, Itália — apartamento da Chiara junto a Brera

O envelope estava no elevador de serviço quando a porta abriu no meu andar. Eu tinha chamado o elevador principal.

Ficou encostado ao rodapé, de lado, com uma dobra oblíqua no canto superior esquerdo. Vinha sem remetente e sem selo interno da fundação. O papel era caro e fora fechado à pressa. Ou por alguém que queria que eu reparasse na pressa.

Pus o pé na porta para a impedir de fechar. Não toquei logo no envelope. Primeiro confirmei a câmara no tecto. Luz verde. Depois o espelho riscado do painel. O corredor atrás de mim estava vazio.

Peguei no envelope com dois dedos e entrei em casa. Tranquei a porta. Deixei a mala no chão, não no quarto, e telefonei para a portaria antes de tirar o casaco.

— “Michele, quem subiu no elevador de serviço?”

— “Ninguém, *Signorina*.”

— “O elevador acabou de chegar ao meu andar.”

— “Talvez uma entrega. Eu não vi ninguém.”

— “Uma entrega que sabe usar o meu piso?”

Ele respirou mais perto do telefone.

— “Quer que suba?”

— “Não. Quero que veja as câmaras.”

— “Claro.”

Desliguei. O Michele não ia ver nada útil. Se o envelope viera por aquele elevador, a parte útil já tinha sido tratada antes de chegar ao quarto andar.

Pousei o envelope na mesa. O meu apartamento parecia mais exposto do que meia hora antes. Janelas altas, mesa antiga, estante e cofre atrás de uma gravura de Fontana. Tudo no sítio. Era isso que incomodava.

Fui buscar luvas finas à gaveta do corredor. Não eram de perito. Eram de arquivo. Serviam para tocar papel antigo, fotografias, catálogos de exposição e documentos que tinham sobrevivido a mãos demais.

Abri o envelope com uma faca de prata.

Lá dentro havia uma pasta cor de osso, presa por um elástico cinzento. Na primeira folha, só uma palavra.

LEILAC.

Nenhum apelido. Nenhuma rubrica. Nenhuma classificação formal. As pessoas que trabalhavam para o meu pai usavam códigos, datas, iniciais, referências de seguro, números de transporte e versões de ficheiro. A falta de etiqueta podia ser descuido. Também podia ser uma provocação.

Soltei o elástico.

As fotografias vieram primeiro.

Lisboa. Fachada do Ritz. Um Mercedes-Maybach preto junto à entrada. Um homem de casaco escuro a entrar depois de dois hóspedes, ligeiramente de lado e sem pressa. Noutra imagem, o mesmo homem saía por uma porta diferente, com uma pasta fina na mão. A fotografia tinha grão, distância e um corte errado no ombro.

Era o homem que ficara três segundos a mais na mesa do meu pai.

O Leilac.

Em Milão, aparecia junto à entrada do Deus Ex Machina. Casaco escuro, camisa clara e uma mão no bolso. Tinha visto a lente tarde o suficiente para ficar na imagem e cedo bastante para estragar o fotógrafo.

Separei as fotografias em quatro pilhas.

Hotéis.

Mulheres.

Rotas.

Risco.

As minhas mãos separavam o papel depressa. Ritz. Meliá Milano. Recibo de táxi incompleto. Uma mulher de vestido vermelho à entrada de um hotel em Lisboa. Outra em Milão, junto a um Maserati cinzento-prateado. Uma hospedeira em Barcelona, casaco preto no braço e Audi vermelho.

Bárbara.

Cristiana.

Cris.

Os nomes vinham em cascata. Vinham com função, acesso, risco, vulnerabilidade e utilidade provável. A classificação era seca. Bastava.

O relatório de Lisboa tinha quatro páginas. Reunião com o Nemesis. Ritz. Gravata Hermès rouge. Pasta fina. Estrutura de pagamentos. Telecomunicações. Portugal. Portugal Telecom. Banco Espírito Santo. Rio Forte. Brasil. Vivo. Oi. Espanha. Telefonica. Possível seguimento por equipa própria do Nemesis. Depois vinha a nota sobre a Bárbara. Suite violada depois da saída do Leilac. Nada roubado de forma visível. Procura provável de sinal, cabelo, fotografia, recibo e prova de intimidade.

Parei aí.

Tirei as luvas, fui à cozinha e fiz café. A máquina fez barulho demais. Esperei até terminar, com a chávena na mão, sem beber. O envelope ficou aberto na mesa. Uma vida alheia reduzida a entradas, saídas e horas ocupava a minha sala.

O telefone tocou. Portaria.

— “*Signorina*, não há registo claro.”

— “O que quer dizer claro?”

— “A câmara do elevador de serviço reiniciou às dezanove e quarenta e dois. Há uma falha de trinta e oito segundos.”

— “E o elevador?”

— “Chamado do piso zero. Depois parou no quarto.”

— “Quem estava no piso zero?”

— “Não se vê.”

— “Claro.”

— “Quer que chame a segurança da família?”

— “Não.”

Ele esperou.

— “Se alguém perguntar, não recebi nada.”

— “Sim, *Signorina*.”

A mentira ficou combinada. Pequena. Suficiente.

Voltei à mesa. Bebi o café morno e continuei.

O relatório de Milão vinha mais solto.

Comecei as minhas próprias marcas a lápis numa folha branca.

Gosta de parecer casual.

Corrige rotas sem anunciar.

Mede saídas antes de escolher mesa.

Usa humor para ganhar três segundos.

Mistura corpo e acesso.

Parei na última linha. Era suficiente.

Depois encontrei a Toscin.

A pasta não trazia fotografia nem nome completo, apenas uma nota de protecção.

TOSCIN. Núcleo leal. Operação do lado do Leilac. Capacidade elevada de detecção de vigilância, padrões, alterações de rota, ruído em hotéis e risco sobre mulheres associadas. Não abordar. Não penetrar por via social. Não usar como ponte.

Li a nota duas vezes.

A Toscin não pertencia ao nosso lado. Quem escrevera aquilo sabia que ela não se comprava pelo caminho habitual. O meu pai também saberia, se aquela folha tivesse passado pela mesa dele.

Tirei a nota da pilha e deixei-a separada, longe das outras.

Havia um resumo de chamada depois de Barcelona. A Toscin avisava o Leilac sobre o Nemesis, movimentos contra mulheres próximas dele e uma frente ligada ao financiamento do grafeno. O banco já não era o sítio certo. O empréstimo fora deslocado para um fundo. A equipa de investigação precisava de pista. O gargalo técnico estaria quase resolvido.

Grafeno.

A palavra aparecia pequena, quase perdida entre telecomunicações, bancos, assembleias, Angola, Espanha, China e Brasil.

Puxei a folha para mais perto da luz. Materiais avançados. Polímeros com grafeno. Aplicações prováveis em pneus, têxteis e embalagens técnicas. Barreiras de oxigénio e vapor de água. Escala dependente de custo e método.

O nome da Mariangela não estava ali.

Mesmo assim pensei nela. Cabelo loiro preso com uma caneta. Mãos sujas de laboratório. A boca pronta para desmontar um homem que confundisse financiamento com mérito. PET, óxido de grafeno e polímeros. Ela tinha-me falado disso num jantar familiar enquanto roubava *panettone* da cozinha e usava o diminutivo que eu tolerava só nela.

Não lhe escrevi.

Abri antes a pilha das rotas. Cortei caminho pelas folhas. Lisboa. Milão. Barcelona. Paris. Um aeroporto. Uma porta lateral. Uma mochila trocada. Um casaco cinzento perdido numa perseguição. O excesso de detalhe tentava vender uma ideia de controlo. As falhas diziam mais.

Num *post-it* amarelo, alguém escrevera: reage melhor sob pressão do que em sala controlada.

Acrescentei na minha folha: pressão melhora-o. Atenção.

A irritação voltou. Não por ele ser bom. Irritou-me a possibilidade de corresponder ao arquivo. A fotografia da fundação já me tinha prendido pela ausência. Agora o dossier dava-lhe hábitos, vícios, mulheres, falhas e pequenas decisões. Em vez do arrumar, abria-o.

Peguei na fotografia do Deus Ex Machina e aproximei-a do candeeiro. Uma mão no bolso. A outra livre. O rosto com cansaço suficiente para estragar a categoria. A imagem queria classificá-lo. Ele ficava fora por alguns milímetros.

O intercomunicador piscou uma vez.

Não tocou.

Só piscou.

Fui até à porta sem ligar a luz do corredor. Pelo visor, o patamar estava vazio. Ao fundo, a luz do elevador de serviço desceu do meu andar para o piso zero.

Não abri.

Voltei à mesa e desliguei a campainha interna. Depois puxei os estores da sala. Não queria oferecer a janela a ninguém.

Às duas e dezassete, o meu pai enviou uma mensagem.

Jantar amanhã cancelado. Viagem curta.

Nada sobre o envelope. Nada sobre o Leilac. Nada sobre a folha em falta no catálogo da fundação.

Escrevi: Entendido.

Apaguei.

Escrevi: Boa viagem.

Apaguei também.

Deixei a mensagem sem resposta. O Provera gostava de respostas medidas. Nessa noite dei-lhe ausência, se era dele que o elevador vinha. Se não era, a ausência servia na mesma.

Continuei a ler.

O Nemesis aparecia por contorno. Carros blindados, advogados, sociedades entrepostas, telecomunicações e Brasil. Ainda não era a guerra do meu pai, mas tocava-lhe perto. O Nemesis comprava pressa. O meu pai comprava tempo.

Às três, já tinha quatro pilhas e uma quinta folha só minha.

Na pilha das mulheres, deixei apenas o que servia. A Bárbara protegia estatuto e corpo. A Cristiana abria banco e risco. A Cris trazia tripulação e entradas laterais. A atriz de Paris conduzia a outra mulher dentro de uma empresa. Algumas sabiam pouco. Outras sabiam demais. O dossier preferia não decidir.

Na pilha da Toscin, deixei só a nota e o resumo da chamada sobre o grafeno. Chegava. Por via errada, bastava-me aquilo. A lealdade dela ao Leilac podia vir a proteger-nos ou a atrapalhar-nos. O meu nome não entraria nessa margem.

Na pilha do grafeno, havia cinco folhas. Poucas. A palavra PET surgia num anexo, sem desenvolvimento. Escrevi Mariangela na minha folha e tapei o nome com a palma da mão antes de me achar ridícula.

Puxei o envelope para mais perto da luz.

No interior da pala, havia uma marca mínima de grafite. Não era impressão digital. Era transferência. Alguém escrevera sobre outro papel com força e a pressão deixara a sombra de três letras.

REA.

Reacção, talvez.

Ou o fim de outra palavra.

Pus o envelope dentro de uma bolsa transparente, selei-a e guardei-a fora da pasta. Quem me mandara aquilo queria ver-me abrir uma porta. Eu ficaria com a dobradiça.

Às quatro, desliguei o candeeiro grande e deixei só a luz pequena sobre a mesa. O elevador não voltou a subir.

Fechei a pasta. O elástico cinzento estava frouxo. Troquei-o por outro, preto, da minha gaveta. Pequena alteração. Pequena assinatura. Quem voltasse a tocar na pasta saberia que eu sabia.

Levei quase tudo para o cofre atrás da gravura. Fotografias, notas, rotas, mulheres, Toscin e o grafeno. A minha folha ficou comigo. Dobrei-a em três e coloquei-a dentro de um livro de arquitectura industrial lombarda que ninguém, além de mim, abria há anos.

A fotografia do Deus Ex Machina ficou na mesa.

Deixei-a de propósito.

Ficou virada para cima, com o Leilac a olhar tarde demais para a câmara, a mão no bolso, o casaco escuro. Apaguei as luzes da sala e fui para o quarto sem a recolher.

De manhã, antes de fazer café, voltei à mesa.

A fotografia continuava lá.

Virada para cima.

3

A RAPARIGA DO GRAFENO

Milão, Itália — Politecnico di Milano

A Mariangela rasgou a amostra de PET antes de me cumprimentar. O engenheiro corrigiu-a, ofendido, e ela entregou-lhe a metade que não tinha cedido.

— “Puxaste no eixo errado,” disse-lhe. — “A tua conclusão mede a tua pressa, não o material.”

O Davide ficou com a película na mão. Tinha a bata demasiado limpa e a prancheta apertada contra o peito. A placa leitosa trazia uma zona cinzenta, quase sem brilho, não como uma mancha depositada à superfície, mas como uma sombra presa dentro do próprio polímero. A peça não precisava de parecer bonita. Precisava de aguentar. E, se a Mariangela tivesse razão, precisava de acusar o momento exacto em que deixava de aguentar.

Eu estava à entrada do laboratório, com a mala no ombro e a pasta de pele encostada à anca. Ainda tinha na memória a fotografia do Leilac deixada fora do dossier durante a noite. Sapatos bons. Casaco escuro. A cabeça ligeiramente virada para uma câmara que ele não devia ter visto. Antes de sair de casa, voltei a pô-la dentro da pasta. Fi-lo com irritação.

A Mariangela virou-se finalmente para mim.

— “Chiaretta.”

— “Não me chames isso aqui.”

— “Então não entres aqui com essa cara.”

— “Que cara?”

— “A de carneiro mal morto. Nunca foste boa a fingir lã.”

O Davide fingiu alinhar folhas. Dois técnicos junto à bancada fizeram o mesmo. O laboratório pertencia a um parceiro do Politecnico, com financiamento industrial e uma relação discreta com a fundação do meu pai. Sobre a bancada estavam copos de café, luvas de nitrilo e amostras numeradas com fita azul.

A Mariangela não usava bata. Trazia *jeans*, camisa branca arregaçada até aos cotovelos e o cabelo torcido num nó que se segurava com o próprio cabelo. No pulso bronzeado havia uma pequena cicatriz clara, daquelas que o laboratório deixa sem pedir licença. A boca estava pronta para ironia antes de qualquer pergunta.

Conhecia-a desde sempre. Desde os almoços em que eu ainda não sabia onde pôr as mãos. Desde os dias em que o apelido Provera entrava nas conversas dos adultos e eu não percebia a importância.

— “Mostra-me outra,” disse ela ao Davide.

Ele prendeu uma segunda tira de PET no pequeno equipamento de ensaio. A máquina puxou. A película alongou, ficou opaca num ponto e aguentou. Antes de romper, um pequeno monitor ao lado da bancada desenhou uma alteração limpa na curva eléctrica. A Mariangela apontou primeiro para o gráfico, depois para a zona branca.

— “Aqui. A transição começou antes da ruptura.”

— “A carga devia aumentar a resistência,” disse ele.

— “Carga?” A Mariangela olhou para ele como se a palavra tivesse cheiro. — “Isto não é PET com um nome caro na ficha. Isso é a versão para investidores. Aqui tens uma rede dispersa na matriz. Se fecha caminho, conduz. Se dobra, responde. Se a barreira começa a ceder, a assinatura deriva. Se agregas, crias pontos de falha e ainda por cima perdes a leitura.”

— “Pontos de falha?”

— “Prefiro chamar-lhes estupidez, mas podes escrever defeito morfológico se te sentires melhor.”

O Davide retirou a amostra e pousou-a ao lado de uma ficha técnica. A Mariangela pegou nela, dobrou-a entre os dedos e passou-ma.

— “Toca.”

Toquei. A superfície era lisa, fria e ligeiramente cerosa. A zona cinzenta não saía. Ficava dentro. Sob o polegar, parecia mais rígida, como se a película tivesse uma direcção própria.

— “Que é isto?” perguntei.

— “Grafeno funcionalizado. Uma fracção reduzida para fechar a rede. O resto é barreira e compatibilização.”

— “Fala em linguagem comum. Não percebo nada do que estás a dizer.”

Ela parou uma fracção de segundo. Bastou.

— “Grafeno incorporado no PET.”

— “Estou a tentar perceber. O que é grafeno?”

— “Grafeno é um carbono em duas dimensões. Uma folha com um só átomo de espessura. Os átomos estão ligados entre si por ligações covalentes, numa rede muito estável. É extremamente leve, quase transparente, cerca de duzentas vezes mais resistente que o aço e é um dos maiores condutores de electricidade e calor. Melhor que cobre, ouro... Uma folha

perfeita é tão compacta que nem átomos de hélio passam através dela. É isso que o torna especial. A descoberta do século.”

O Davide aproximou-se com uma folha.

— “A assinatura está mais estável neste lote.”

A Mariangela leu as primeiras linhas, dobrou a cópia de trabalho e guardou-a numa manga transparente. Devolveu-lhe só o gráfico.

— “Secagem agressiva. O número parece bom porque só estás a medir a amostra que sobreviveu. E a resposta eléctrica está limpa demais.”

— “Limpa demais é mau?”

— “Numa brochura, não. Num laboratório, quase sempre.”

— “Então repetimos?”

— “Temperatura mais baixa, mistura mais longa, humidade controlada. E traz-me também as peças que partem. Sobretudo essas. Temos de afastar o *survivorship bias*.”

O Davide anotou sem gostar. A Mariangela gostava pouco de ser agradável quando tinha razão. Era uma das razões pelas quais eu continuava a procurá-la. Também era uma das razões pelas quais a mantinha longe de certas salas.

Aproximei-me da bancada. Havia placas transparentes, outras acastanhadas e outras com veios cinzentos. Uma peça fina dobrava sem partir. Outra tinha microfissuras junto ao corte. Numa terceira, contra a luz, a orientação da extrusão aparecia como uma escrita pobre com veios alongados, quase invisíveis e todos a obedecer ao mesmo sentido.

— “Isto não é milagre,” disse a Mariangela, antes que eu perguntasse.

— “É mistura, temperatura, cisalhamento e paciência.”

— “E dinheiro.”

— “A bomba de vácuo falhou ontem. O dinheiro ainda não comprou outra.”

— “Quem pagou este ensaio?”

Ela encostou a anca à bancada.

— “Primeiro dizes-me porque estás aqui.”

— “A fundação prepara uma exposição sobre matéria industrial. Polímeros, cabos, fibras e memória fabril. O meu pai quer saber que linguagem ainda não foi usada até à morte por curadores.”

A mentira tinha uma parte exacta. A fundação preparava mesmo uma exposição. O Provera gostava de matéria industrial quando ela aceitava circular com documentos úteis. Eu é que não tinha ido ao laboratório por causa de curadores.

A Mariangela cruzou os braços.

— “O Provera descobriu embalagens?”

— “O Provera descobre aquilo de que precisa.”

— “E tu?”

— “Eu só faço perguntas.”

— “Fazes perguntas quando já tens metade das respostas. Conheço-te.”

Olhou para os meus dedos, ainda pousados na amostra.

O Davide foi chamado para outra bancada. A Mariangela pegou em duas amostras, guardou-as numa pasta de cartão e fez sinal para eu a seguir. Passámos por uma sala pequena, com uma máquina desligada e avisos de segurança colados tortos. Ela abriu um armário técnico, confirmou um saco aluminizado de granulado e fechou-o.

— “Aplicações? O que é que o teu *papino* anda a fazer?” perguntou.

— “Embalagens. Sensores. Talvez têxteis. Talvez automóvel.”

— “Foi ele que te disse?”

— “Vem de conversas.”

— “Com quem?”

— “Sei lá... Investidores no geral.”

— “A tua espécie favorita.”

— “Nem por isso.”

Ela enfiou as amostras na pasta.

— “O óxido de grafeno é o truque. Cria uma barreira brutal ao oxigénio e vapor de água.”

— “E?”

— “E? Aumenta a validade dos produtos, aumenta a *shelf life*. O leite em vez de durar um mês dura um ano. Imagina o impacto económico disso. Produtos de validade atualmente curta, passam a ter validade para fornecer o outro lado do mundo.”

— “Só por causa da embalagem?”

— “Si.”

A palavra simples e perfeitamente compreensível. Sim.

— “Isto em laboratório. Mas é escalável?” perguntei.

— “A escala é sempre o problema. No laboratório tudo parece possível. Depois vem a escala, a aglomeração, o arrefecimento mal regulado, a orientação que muda porque a extrusora tem um barril e fusos enormes... enfim, as coisas do costume.”

— “Tu devias cobrar por cada um desses problemas.”

— “Tu devias parar de fingir interesse e disseres o que vieste aqui fazer.”

Não respondi. Ela abriu a porta para o corredor. O ruído do laboratório ficou atrás de nós. No dossier do Leilac havia uma linha seca sobre

grafeno. Interesse industrial. Potencial vector de aproximação. A Mariangela não aparecia.

No café ao lado do laboratório, ela escolheu uma mesa junto à parede e sentou-se de frente para a porta. Pediu um *espresso*. Eu pedi água com gás e deixei o copo intacto.

— “Quem é?” perguntou.

— “Quem?”

— “A pessoa que te trouxe ao PET.”

— “Não há pessoa.”

— “Chiaretta.”

Eu odiava o diminutivo porque vinha de uma idade em que o meu nome era apenas um nome simples, sem ninguém conhecer o apelido. Ela usava-o quando queria cortar a camada adulta que eu punha entre nós.

— “Há uma linha industrial que pode interessar à fundação,” disse.

— “A fundação não produz garrafas.”

— “Produz relações.”

— “Isso está melhor.”

O empregado trouxe os cafés. A Mariangela bebeu sem açúcar.

— “O teu pai já sabe do meu trabalho?”

— “Se sabe, não foi por mim.”

Ela pousou a chávena.

— “Essa resposta... falta alguma coisa.”

— “É a única que tenho.”

— “Mentira.”

Sorri. Pouco.

— “A tua família continua a preferir que trabalhes numa coisa menos suja?” perguntei.

— “A minha família prefere que eu case com alguém capaz de explicar o meu trabalho à mesa.”

— “Paolo?”

— “O Paolo gosta de se ouvir explicar.”

— “Isso é um sim?”

— “É cansaço.”

Ficámos alguns segundos caladas. A Mariangela mexeu na colher, embora o café já estivesse bebido e não tivesse açúcar. Nas unhas com verniz vermelho havia marcas de trabalho que a água do laboratório não tirara. Era competente sem tentar ser apresentável. Isso dava-lhe liberdade. Também a deixava exposta.

— “Precisas de quê, Chiara?” perguntou.

— “De entender até onde isto pode ir.”

— “T tecnicamente?”

— “Industrialmente.”

— “Explica.”

— “Se uma empresa com dinheiro, advogados e pressa quisesse entrar nisto, onde falhava primeiro?”

Ela olhou para a rua. Um estudante prendia uma bicicleta. Uma carrinha branca estava parada em segunda fila. Depois voltou a mim.

— “No exagero. Prometia escala antes de ter processo. Prometia redução de custo antes de saber a perda real. Chamava universal a uma coisa que muda de polímero para polímero. PET não é PLA. Grafeno não é sal. E uma rede que lê deformação e não lê oxigénio da mesma maneira. Nem humidade. Nem temperatura. Cada promessa nova exige uma nova mentira e uma mentira cada vez mais difícil.”

— “Mas pode funcionar.”

— “Pode. Claro. O que achas que ando a tentar fazer?”

— “E porque ainda não funciona?”

— “Porque é caro de mais.”

— “O grafeno?”

— “Mais concretamente óxido de grafeno... que é, digamos, criado em água, com a oxidação do grafeno. Só que a extrusora quer PET e óxido grafeno em pó, seco, a entrar pelo alimentador lateral. Portanto tens de pegar naquela dispersão aquosa, secar tudo e transformar em pó.”

— “E isso é problema?”

— “Mais ou menos. Quando secas, para ficar pó, perdes rendimento. Perdes perto de 50% do grafeno. E, se seca mal, entra húmido. Se entra húmido, o PET degrada na extrusão. Se seca agressivo demais, o óxido compacta, faz grumos e depois não dispersa como deve ser no túnel. Em laboratório é pouco, o custo não é relevante. Numa linha de produção já é outra história.”

— “E isso é novo?”

— “Novo, não. Quase tudo já existia em pedaços. O que não existe é fazer isto barato, seco, alimentável e sempre igual. O óxido de grafeno é mais caro que droga, é mais caro que cocaína. Daqui a quatro ou cinco anos pode ser outra conversa. Quando a produção de grafeno passar de truque de laboratório para processo contínuo, o preço cai. Muito. Aí o óxido também cai, mesmo com a secagem em cima. E então já não estás a falar de uma amostra bonita no Politecnico. Estás a falar de toneladas de PET com óxido de grafeno a preço acessível.”

— “E se alguém conseguir isso?”

— “Então deixava de ser uma investigação simpática de polímeros. Passava a ser infraestrutura e muito dinheiro a entrar pela porta.”

A palavra agradou-me menos do que devia.

— “E se tivesse alguém bom?” perguntei.

— “Bom quanto? Melhor do que o que fazemos aqui ou na Roma Tre?”

Pensei no Leilac. O Leilac ainda era papel. Mesmo assim, já me fazia pensar.

— “Bom a encontrar dinheiro e pressão,” disse.

— “Então precisava de alguém que lhe dissesse não.”

— “Tu dirias?”

— “Depende... depende da utilização, se algo útil, bom. Se fosse apenas um esquema, obviamente que dizia não.”

— “Tão pura.”

— “Tão Provera.”

A frase atingiu o ponto certo. A Mariangela tinha-me visto antes das salas do meu pai, antes dos vestidos corrigidos à entrada das inaugurações, antes de eu aprender a responder com metade da boca.

— “Não quero meter-te em nada,” disse.

Ela riu-se uma vez.

— “Queres. Claro que queres. Senão tinhas-me convidado para almoçar no Bice em vez de aparecer aqui no meio da confusão.”

Toquei no copo de água. A aresta da película tinha-me deixado uma linha quase invisível acima do relógio. Não sangrava. Isso não a tornava menos presente.

— “Posso pedir-te uma avaliação técnica, se chegar a altura?”

— “Podes claro. Mas tem de ser aqui no laboratório.”

— “Claro.”

— “E quero saber quem paga.”

— “Sim.”

— “E quem beneficia.”

— “Lá está tu com a pureza.”

O meu telemóvel vibrou dentro da mala. Não o tirei logo. A Mariangela reparou.

— “Atende.”

— “Não é urgente.”

— “Nunca é, até ser. Podes atender, sem stress.”

Abri a mala. No ecrã havia uma mensagem de um número sem nome. Uma morada perto de Porta Nuova. Uma hora. Duas palavras. Fotografias novas.

Bloqueei o ecrã antes de ela ler.